

1. PREÂMBULO

O conceito contemporâneo de escrita expande a noção de literatura: o corpo é acionado, em “uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade” (RANCIÈRE, 1995, 7). Desde essa relação mais “imediate” entre corpo e escrita até a fantasia de aproximação extrema entre arte e vida, a dimensão material da experiência estética tem sido recorrente na obra de muitos artistas, que, em espaços limítrofes, criam vida através de suas obras.

Seguindo o “paradigma romântico da escrita diretamente nas coisas” (RANCIÈRE, 1995, 18), o corpo pode ser “tratado, polido, pensado e ativado como obra de arte” (SANTOS, 1999, 25); mas não de forma simplesmente autobiográfica, pois “escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 1997, 12). Usar o corpo como mídia artística pressupõe certa presença de si, na medida clara em que “meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (ZUMTHOR, 2007, 23). Ainda assim, um corpo-autobiográfico nem sempre pressupõe a potencialização de suas possibilidades.

Tentando escapar de uma abordagem pelo viés autoficcional, ou de uma “superqualificação do cotidiano (ênfase contumaz de orientações discursivas do contemporâneo)” (KIFFER, 2010, 35), as obras de arte trazidas à discussão falam de outro corpo. Os corpos em profusão de Mark Atkins falam de um corpo, mas não o seu; falam de todos os corpos. Mesmo o corpo de Ana Mendieta, que o utilizou como “molde” para suas silhuetas, não fala (só) de si mesmo. A ausência de corpos nas fotografias de Marchand&Meffre fala de um corpo presente, ainda que invisível. Elba Bairon constroi corpos sem rosto ou particularidade, corpos quase planos, de qualquer um, anulando justamente seu caráter individual.

Pensar um outro corpo – um corpo-potência, lugar de experiência viva, não de um sujeito, mas de uma existência, lugar de vida que pulsa, de um “escrevo sem mim” (NOVARINA, 2009, 34) – é o objetivo desta dissertação.